

# Michel Maffesoli e a construção de uma nova ética

João Maia\*

**H**oje em todos os cantos escuta-se em voz alta o pedido de um “retorno da ética”. Se, por um lado, escutamos o discurso pedindo a moralização de instituições de várias ordens, por outro, assistimos à vida no cotidiano ser formada de maneira que não respeita nenhuma ordem oriunda de instituições severas. O homem comum parece que não respeita mais normas para nortear a sua conduta, apoiadas em um “dever-ser” moral, criadas em corporações rígidas. Surgem diversas maneiras de interpretar a atitude do homem contemporâneo e o modo como ele se relaciona com o social fervilhante. O ato de olhar este homem na sua interação cotidiana não terá nenhuma relação com uma atitude operacional ou racional. Trata-se aqui de um olhar estilístico sem julgamentos ou hierarquia de valores.

Com Michel Maffesoli vamos tentar contemplar as novas formas da “construção da realidade” que se esboçam na contemporaneidade. Este social, para o autor, é “o lugar teatral onde se exprimem, se opõem, se conjugam, se afrontam toda uma série de fatos, em um jogo sem fim, onde os atores sociais são os protagonistas mais ou menos conscientes, mas nunca totalmente mestres.” (Maffesoli, 1979, p.168)



É impossível delegar somente às grandes obras de arte um valor estético. Maffesoli faz uma investigação minuciosa sobre o vitalismo presente no cotidiano e desta maneira marca uma nova epistemologia: “É toda a vida cotidiana que pode ser considerada como obra de arte.” (Maffesoli, 1990)

Antes de tudo vemos uma nova maneira de encarar o social que privilegia a fusão e o seu caráter de criatividade que se mostra em todas as criações sociais. Para o autor, esta postura é a marca do vitalismo que pode servir de pano de fundo à estética e sua função ética. E diz: “... eu chamo ética uma moral sem obrigação, nem sanção; sem outra obrigação de que se agregar, de ser membro do corpo coletivo, sem outra sanção da de ser excluído se cessar o interesse (inter-esse) que me liga ao grupo. Aí está a ética da estética: o fato de experimentar em con-

junto qualquer coisa é fator de socialização.” (Maffesoli, 1990, p.34)

Acredito ser este vitalismo que pontua a atitude do homem comum. Vamos, assim, seguir as pistas fornecidas por Maffesoli para olhar o social que se mostra sob a forma, a estética da ética no dia a dia. O autor propôs, em Aux creux des apparences, a utilização da noção de arte para o conjunto da

vida social. Esta proposta é prospectiva para falar do momento em que os atos banais da vida cotidiana se mostram de maneira ostensiva diante do nosso olhar. Mais do que um simples espetáculo, um show explode diante de nós. A partir do momento em que o progresso, a ordem linear e racional do mundo não são mais considerados como imperativos categóricos, a existência social é devolvida a ela própria. Desta maneira, uma nova forma de viver o cotidiano vai se formando.

O sensível, esta mistura de espírito e matéria, nos fornece a idéia da necessidade de aparência, da experiência como mise en scène.

A explosão de imagens contemporâneas nos oferece as diversas modulações da aparência formando um conjunto de informações sobre a sociedade. Assim, mostra-se necessário fazer uma reflexão sobre a forma.

Michel Maffesoli usou diversas vezes a noção de “formismo” para mostrar a conexão entre o conteúdo e o contido, entre a forma exterior e a força interior.

Sua hipótese de “forma formante” mostra que o ambiente social geral é formado a partir de imagens particulares constitutivas da vida cotidiana. As premissas demonstradas denunciam a saturação do pensamento dialético que estava em vigor durante a modernidade; natureza e espírito separados por uma rigidez intransponível. Este é o momento de ultrapassar esta postura que valoriza a violência do conceito. Não podemos mais aplicar a noção de folle du logis para falar dos desregramentos da imaginação. Este conjunto constituído de imagens, imaginação, símbolos, enfim, formas diversificadas, montam a vida social criando um “mundo imaginal”.

A aparência efervescente da vida cotidiana remete-nos ao “aqui e agora”, pois não é mais necessário procurar alguma coisa além do nosso mundo. O que está ao nosso alcance, o que é comunicação mostram-se na aparência da forma de um vitalismo poderoso. Não podemos mais procurar o significante num passado ou no futuro. O momento é do efêmero onde o que se mostra não libera mais valor ao conteúdo em relação ao contido. A lição essencial, ainda segundo Maffesoli, é que podemos imaginar que cada fragmento é em si mesmo significante e contém o mundo inteiro. Suspeitas à parte, os objetos ganham autonomia para representar sua própria expressão.

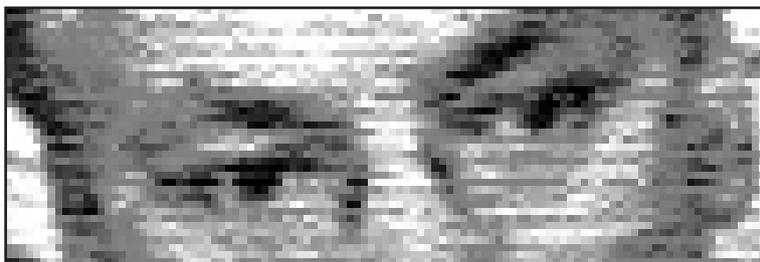
Mas o que faz com que esses fragmentos permaneçam unidos? Na contemporaneidade é evidente que o que vai prevalecer é o sensível. Este sensível dará sentido ao “estar-junto”, que marca um espaço determinado e que valoriza o sentimento tribal.

Utilizando o autor de *Gaya Scienza*, Maffesoli (1990, p.34) constata que de uma parte a gente percebe que existe uma nebulosa existencial vivaz e efervescente e que de outra parte a gente vê a formação de representações coletivas que exprimem as grandes tendências desta nebulosa. Para trabalhar com estas duas perspectivas, ele propõe o “formismo”. Sem esquecer que devemos ampliar o conceito de arte para o todo social.

Vivemos com uma certa dose ne-

cessária de ilusão que acompanha a aparência e respeitamos o véu que nos protege de tudo saber, de tudo olhar, de tudo esmiuçar. Consideramos esta parte de mentira que se integra à aparência. Neste momento, o nosso único dever é o da ilusão, como parte integrante da vida social. É exatamente esta parte indispensável da imagem que vai contra as doutrinas assépticas. Com a pluralidade de imagens surgem diversas possibilidades de veracidade do real.

A concepção “vitalista” é a possibilidade de visão inteira do mundo. O caminho para acessar esta possibilidade pode ser a sugestão, a leveza do “belo”. Aqui está a insustentável leveza da aparência. Esta



---

“A ética é, antes de mais nada, a expressão do querer viver global e irreprimível; ela traduz a responsabilidade que este conjunto assume quanto à sua continuidade. E, neste sentido, é ela dificilmente formalizável.”

---

aparência pode simplesmente mostrar fragmentos, uma vez que o pensamento que tudo quer desvendar e tudo saber não existe mais. As idéias de bonito e feio, bom e mal, este gênero de separação dialética, é muito pesado para ser sustentado. Luzes, sons, fofocas, piadas, tudo que um dia foi rejeitado como superficial e sem nenhuma importância ganha, hoje, importância para a compreensão do social, sobretudo para se sentir a vida cotidiana e banal do tempo que se apresenta diante de nós.

O gozo de compartilhar um sentimento e a sensibilidade do superficial são construções do mundo real. A estética se apresenta ao lado da ética, pois a aparência é uma doxa para a construção do social e da moral.

Pode ser que uma certa assepsia racional que existiu durante a modernidade,

que quis clarificar tudo com um modelo determinado de evolução, deixou marcas na nossa vida cotidiana, mas como contraponto nós achamos em alguns fatos banais do dia a dia a presença marcante da ilusão, de sonhos que mostram que a vida é plural e que por vezes ela nos demanda deriva e perda de sentido.

Lembro de um filme, não muito recente, de Wim Wenders, intitulado *Até o fim do mundo*, no qual o personagem principal, depois de uma viagem ao redor do mundo, encontra-se numa comunidade onde a imagem é mais que simples poder. A imagem aí podia ser captada através de um instrumento e se podia ver não somente todo o nosso passado, mesmo o

mais remoto, mas também os sonhos mais escondidos. Todas as imagens eram resguardadas.

Usei este filme para ilustrar o que já acontece em nossas vidas banais do dia a dia. Vivemos uma explosão fantástica de imagens. Todas as tecnologias colaboram com a cons-

trução do nosso mundo plural. Vários estilos freqüentam a nossa cidade. As nossas vidas parecem que foram criadas por um cineasta. Ligue um computador, conecte-se na rede da Internet. Aí, você cria um nick (apelido), começa a falar com alguém, inventa uma outra idade, outra origem e esperanças imaginárias. Podemos inventar, inverter, trocar, criar toda uma história de vida completamente diferente daquela que vivemos. Você terá a impressão de estar atuando num filme.

A lógica do “dever-ser” que determinou as diretivas de comportamento do indivíduo ou da sociedade, apoiada numa moral normativa, encontra-se em oposição a uma ética que sugere um certo equilíbrio na diferença, valores diversos e plurais que constituem um conjunto dado.

“A ética é, antes de mais nada, a expressão do querer viver global e irreprimível; ela traduz a responsabilidade que este conjunto assume quanto à sua continuidade. E, neste sentido, é ela dificilmente formalizável.” (Maffesoli, 1982, p.21)

Aqui, a partir desta citação de Michel Maffesoli, podemos ir mais longe e dizer que esta ética que valoriza “o conjunto orgânico”, que acentua a existência de diversos estilos em um mesmo espaço, servirá de resistência à moral que quis domesticar a “teatralidade” do conjunto.

A ética da aparência torna possível a cenarização da paixão, do imaginário, do lúdico. Esta ética possui um papel contrário ao da ordem da medida, da economia e da razão.

“Frente ao modelo produtivista, é importante assinalarmos que há outras maneiras de ‘ser/estar no mundo’ e viver o tempo que

passa. A própria fruição não é unívoca; e sem nos estendermos muito, digamos que, de par com uma fruição normal e produtiva, inumeráveis práticas populares, mais ou

menos marcadas, dão suficiente conta de uma relação ao corpo não-finalizado.” (Maffesoli, 1982, p.38)

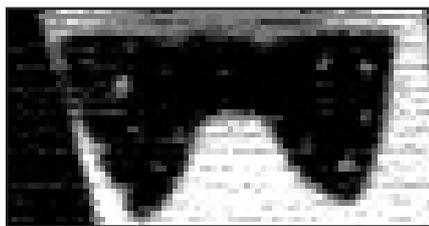
A improdutividade e a falta de objetividade são marcantes no jogo de aparência que se delinea no nosso cotidiano. Existe uma relação sem objetivos concretos com o mundo, com o tempo que passa. O projeto do produtivismo e da moral no qual o tempo é linear, progressista, que procura a finalidade dos atos, parece que não se registra em nossos dias. Neste espaço, que poderíamos dizer de permissividade, vemos a força do presente, do aqui e agora sem objetivações, como uma espécie de resistência passiva à organização austera e clarificada pela moral.

Para Michel Maffesoli, no seu livro *A sombra de Dionísio*, a “perversidade polimorfa improdutiva” é vista como absolutamente necessária à existência social. Mais do que necessária, o autor nos adverte para o fato de que a sociedade que não usa a coincidência *oppositorium* se expõe a uma explosão catastrófica do elemento que ela negou. A partir de uma ética que valoriza todos os estilos, em que a exteriorização torna-se exposição plural, nós começamos a olhar as inumeráveis ligações como vetor de comunhão e como exemplo disso temos a passividade, a preguiça, o viver sem objetivos, sem eira nem beira.

Nós vemos, hoje, uma reivindicação generalizada, do social, de um corpo que demanda o fim dos objetivos e a presença da não produção. Este corpo menosprezado e organizado de forma austera está cansado e pede descanso, deriva e desta maneira ele se transforma.

Os movimentos da moda, os diversos

estilos de vida que se expandem hoje nos mostram visões de mundo que tornam impossível objetivar e dar uma significação estável e única aos fatos, mas que possuem sua lógica interna. Surge, desta maneira, um mundo sem significações globais onde nós não conseguimos mais entrever imagens concretas, finalizadas. O



social visto por Maffesoli como moderno, com suas regras generalizantes e normativas, deixa lugar a novas “doxas” que transformam nosso olhar sobre o mundo.

“A proliferação de sociedades secre-

tas é a prova, em regra geral, da ausência de liberdades públicas, de confusões policiais, de opressão política, uma reação provocada pela necessidade de liberdade - ao contrário, o ritual regulamentar interno dessas sociedades exprime uma parte de liberdade e de autonomia que exige, em retorno, para preservar o equilíbrio da natureza humana, esta contra-norma que é o esquematismo.” (Simmel, 1991, p.88)

Com esta citação de Simmel podemos constatar que a maneira de estar, de pertencer a uma sociedade secreta, com sua procura de autonomia, ainda provoca ecos em vários grupos da nossa sociedade e se apresenta como uma ética. Nós não sabemos mais quem pertence a tal grupo ou quais as novas tribos urbanas que irão surgir. Cada grupo, nessa constelação, possui seus mandamentos específicos, por vezes escondidos. Não reconhecemos mais, por vezes, os membros dessas tribos que estão presentes no cotidiano das grandes cidades.

Para exemplificar essa maneira de estar em sociedade, falaremos de um movimento denominado *new age*. Marilyn Ferguson, no seu livro intitulado *Os filhos de virgem*, lançou a onda *new age* e mostrou a pre-

dição da lei de precessão dos equinócios, que diz que a cada 2.160 anos aproximadamente o sol muda de signo zodiacal. O ano um da nossa era, dia do nascimento de Cristo, entrou no signo de peixes, daí a obscuridade e a violência que nós atravessamos. Porém, a Era de Aquário está batendo à nossa porta. Uma promessa de amor e luz - uma nova era de paz e harmonia. Alguns autores dizem, através de cálculos, que esta mudança acontecerá no ano 2000. Somos mutantes, esperando mudanças radicais. Ferguson afirmou que muita gente já viveu esta mudança “transpessoal”, acrescentando que, desde 1975, 40% dos americanos dizem ter vivido uma destas experiências.

Alargar o seu “campo de consciência e esperar a vibração interior” não é assim tão fácil. Um aprendizado é necessário. Existem seminários, livros, conferências e grupos de encontros em profusão no mundo a fim de desenvolver todos os poderes.

O artigo “Os dez mandamentos da Nova Era”<sup>1</sup> mostrou-nos uma receita do sincretismo religioso como um modo de vida contemporâneo: “As igrejas com as suas

doutrinas, os cleros, suas inquisições e seus luxos, a gente não quer mais! A gente quer comunicar diretamente com “Deus”. Por sinal, a gente não o chama mais de Deus. A gente o chama de Ser Universal, a Grande Energia, a Consciência Cósmica.... Ele não tem mais rosto. É toda a natureza. Nós somos panteístas. Estudamos as crenças onde queremos: uma pitada de cristianismo, várias conchas de misticismo oriental (sobretudo hinduísmo e budismo), três gotas de cultos afro-brasileiros e se mistura.

Pretendemos assim, fazer uma ligação entre todas as tradições. Na verdade, cada um coloca sua própria religião...”

Este artigo nos forneceu ainda algumas palavras fetiches utilizadas pela Nova Era. São elas: mutação, transformação, cura, metamorfose, troca, consciência, harmonia, ressonância, criatividade, êxtase, amor, na-



tureza, tribo, rede, ondas, campo potencial. São palavras que, conjugadas com alguns adjetivos, dão sentido a um modo de vida baseado na comunhão.

No cotidiano da contemporaneidade sentimos a possibilidade de viver intensamente o aqui e agora e ao mesmo tempo reconhecer que quebramos papéis morais rígidos sem ganhar nenhum prêmio. A burguesia não tem mais prêmios para oferecer ao proletariado e, na verdade, nem nos localizamos mais em classes sociais ou econômicas.

A realidade não é mais nua e crua. É a hiper-realidade dos nossos sentidos que ganha cada dia mais espaço hoje. Televisões poderosas com seus programas transmitidos via cabo, secretária eletrônica, fotos, publicidade, vídeos, tele-interação, telefone celular, bip, fax, computador e Internet estão se instalando de forma acelerada, transformando a realidade. Esta hiper-realidade quebra o limite entre o real e o imaginário. Perspectiva e profundidade são questões esquecidas e um olhar atento surge sobre a globalidade no cotidiano. Este olhar torna possível vivermos uma nova ética, pois a observação é estetizada.

Não vamos negar que vivemos no dia a dia situações que nos exigem posturas em termos de obrigações ao nível do “dever-ser”. Essas obrigações são compromissos para com uma moral com regras oriundas das instituições, como a família e o Estado. Porém, podemos sentir, ao lado disso, um sentimento de querer mais, um querer sem sentido objetivo, mais flutuante e sem direção, um “vitalismo” poderoso.

Desta maneira se mostra prospectivo perguntarmos como é possível vivermos o imaginário ao lado dos mecanismos do “dever-ser”?

Michel Maffesoli no seu livro *A lógica da dominação* nos oferece pistas para uma resposta. Partindo de uma tentativa de recuperação do verdadeiro estatuto do imaginário, o autor remarca o pensamento instaurado por este. Um pensamento que não é separado do real, mas que pratica uma certa decalagem. Paralelamente ao que seria metodológico e também sistemático, o imaginário permite, de certa maneira, a crítica e a realização do possível.

O imaginário mostra-se em uma época onde o efêmero é valorizado, exprime um tempo fragmentado e

oculta o que não é cotidiano, imediato e atual. É importante frisar que o imaginário não é reduzido, achatado pelo momento atual do “hiper-real”. O imaginário não está mais escondido, cedendo espaço à razão, ele trabalha e é liberado dia a dia com ou na aparência múltipla dos atores sociais.

Realmente ainda temos a pretensão de explicar o mundo, mas é certo que a razão que tentou dar sentido a tudo não é mais o instrumento adequado de investigação, visto que o imaginário está inscrito no cotidiano de forma liberada.

Não vale mais a pena reivindicar um tempo onde em todos

os domínios predominava a unificação de sentidos. Segundo Maffesoli, este tempo caracterizou a modernidade, a sociedade tradicional, com uma perspectiva linear da história na qual o conceito é a realidade. Este tempo privilegiou a “unidade fechada”, as instituições estáveis, racionais, que se queriam, em oposição ao “novo espírito do tempo”, segundo a terminologia do autor, que valoriza a “atração orgânica” das imagens compartilhadas hoje.

“A criação, sob suas diversas formas, brotará de uma dinâmica sempre renovada e sempre plural. As diversas situações sociais, os diferentes modos de vida, as múltiplas experiências poderão ser consideradas como expressão de um vitalismo poderoso. Uma outra maneira de expressar o politeísmo de valores.” (Maffesoli, 1989)

Tudo isto me leva a considerar que o “politeísmo de valores” existente na sociedade contemporânea é uma ética, um ethos que vem de dentro.

## Nota

<sup>1</sup>*Mais quel age a donc le new age?* In: *Dossiers du Cannard*. n.36, p.6.

## Bibliografia

MAFFESOLI, Michel. *Conflit, dynamique collective et sociologie de la connaissance*. In: *Sociologie de la connaissance*. (Études réunies par Jean Duvignaud). Paris: 1979.

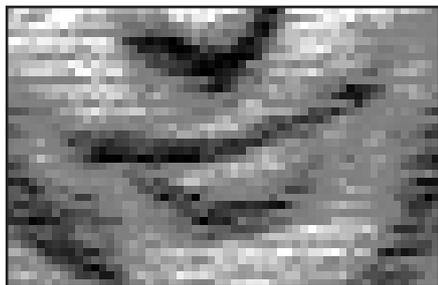
\_\_\_\_\_. *Au creux des apparences*. Pour une éthique de l'esthétique. Paris: Plon, 1990.

\_\_\_\_\_. *L'ombre de Dionysos*. Contribution à une sociologie de l'orgie. Paris: Méridiens,

1982.

\_\_\_\_\_. *A ética da estética*. Rio de Janeiro: CIEC, Escola de Comunicação da UFRJ, 1989.

SIMMEL, Georg. *Secret et sociétés secrètes*. Strasbourg: Circé, 1991.



\* João Maia é Doutor em Sociologia pela Université Paris V – Sorbonne e Professor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.